



## **EIXO 4: POLÍTICAS DE ASSISTÊNCIA, SAÚDE E CONDIÇÕES DE TRABALHO NA PROFISSÃO DOCENTE**

### **“IMAGENS QUE ENSAIAM TOCAR O REAL”: CONDIÇÕES DE TRABALHO E MAL-ESTAR DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR**

**Mariana Martins de Meireles**

UFRB

mariana.meireles@ufrb.edu.br

**Elizeu Clementino de Souza**

UNEB

esclementino@uol.com.br

#### **Resumo**

O trabalho apresenta resultados advindos de uma pesquisa de pós-doutorado intitulada *“Visualidades da dor: um ensaio sobre condições de trabalho e mal-estar docente no Ensino Superior”*, investigação vinculada aos projetos 1) “Educação, narrativa e saúde: direito à vida e à educação em tempos de refigurações”, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, chamada nº 40/2022 – Linha 3B - Projetos em Rede - Políticas públicas para o desenvolvimento humano e sociais; 2) “Educação, narrativa e saúde em perspectiva internacional: aprendizagens biográficas e acervos experienciais vinculados a contextos educacionais e multiprofissionais em saúde”, projeto submetido à Chamada Pública MCTI/CNPq nº 14/2023 - Apoio a Projetos Internacionais de Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação. Do ponto de vista dos objetivos, este estudo buscou cartografar condições de trabalho docente e suas relações com o mal-estar na profissão prescrutando dores experimentadas por docentes universitários no contexto Brasil-Portugal. Ao propor a noção de *“visualidades da dor”*, a pesquisa organiza-se em torno de um trabalho investigativo com narrativas, tangenciando não apenas o que pode ser visível no âmbito das condições de trabalho e mal-estar docente, mas também o que irrompe da invisibilidade do desassossego de suas dobras. A dor é clinicamente definida como uma experiência sensitiva e emocional desagradável, associada a uma encruzilhada de fenômenos biológicos, culturais e existenciais. Definição revisada pela Associação Internacional para o Estudo da Dor e



complementada por seis notas explicativas. A primeira delas define a dor como sendo uma experiência pessoal influenciada por fatores biológicos, psicológicos e sociais. A segunda compromete-se com dimensões fisiológicas, destacando que a dor não pode ser determinada estritamente pela atividade dos neurônios sensitivos. Tal afirmação amplia-se na terceira explicação, ao informar que as pessoas aprendem o conceito de dor por meio das suas experiências de vida. Por isso, o relato de uma pessoa sobre sua experiência de dor deve ser respeitado, como assinala a quarta nota. A quinta nota infere que a dor, mesmo cumprindo um papel adaptativo, pode ter efeitos adversos no bem-estar social e psicológico dos sujeitos. E, por fim, a sexta nota ocupa-se em tratar da pobreza da linguagem para exprimir a dor concluindo que “[...] a descrição verbal é apenas um dos vários comportamentos para expressar a dor; a incapacidade de comunicação não invalida a possibilidade de um ser humano ou um animal sentir dor” (Srinivasa, 2020, p. 17). Levando em consideração essas conjecturas, o trabalho investigativo com a fotografia moveu-se como tentativa de não apenas performar o fenômeno em estudo, mas, sobretudo, de extrair delas um saber (Didi-Huberman, 2012). Por essa razão, ao prestar atenção na dor e nas suas formas de manejo, optou-se por uma metodologia qualitativa, no âmbito da pesquisa narrativa, movimentando a palavra sentida e narrada para o campo das visualidades. Esse trabalho reflexivo colocou em relevo nuances da profissão, a partir da escuta dos docentes por meio de questionário, estendendo-se, posteriormente, para sessões de entrevistas ocorridas de modo presencial e mediante plataformas virtuais. O preenchimento do questionário, elaborado via Google Forms, ocorreu no período de 18 de março a 30 de abril de 2024 e contou com a participação de 196 docentes vinculados a 49 Instituições brasileiras de Ensino Superior e 17 docentes associados a nove Instituições portuguesas de Ensino Superior. No caso das entrevistas, estas ocorreram no interstício de 13 de maio a 15 de julho de 2024, contando com a participação de cinco docentes vinculados IES portuguesas e 12 docentes pertencentes a IES brasileiras, totalizando 17 entrevistas. A discrepância numérica em relação ao *corpus* empírico relaciona-se à adesão do estudo pelos docentes dos respectivos países. Em seu conjunto, a pesquisa contou com a participação de 213 docentes do ensino superior, reunindo narrativas escritas, orais e imagéticas que se constituíram como modos de perscrutar a dor. Ao reunir indícios da dor experimentada por docentes do ensino superior, esta



investigação buscou centrar a dor na pessoa, mobilizando a capacidade de cada docente para sentir a si mesmo e, a partir disso, projetar-se subjetivamente. Tarefa que envolve desautomatizar o corpo, assumir a condição da falha, exprimir a dor dilacerante. Tomada de consciência que contribui para a recusa da eficiência, a compreensão dos limites e a percepção do que dói e corrói o corpo, evitando o aceleração da oxidação de sua força vital. Suspeita-se que somente após o exercício da autopercepção e do inconformismo é que a dor se desloca do plano individual para o coletivo, projetando-se como sofrimento ou como um mal-estar generalizado. Ao reivindicar esse lugar biográfico, a dor ensina que somente o sujeito que sente pode informar sobre a sua causa e dizer sobre a sua dor. Nessa perspectiva, a consciência da dor e do mal-estar daí decorrido passa a ser inviavelmente orientada por um trabalho de consciência de si e da percepção dos contextos aos quais os sujeitos se vinculam. Nesse caso, experiências dolorosas podem ser manifestadas mediante situações de desprazer. Por essa razão, forjando tentativas de perscrutar dores experimentadas por professores universitários, realizou-se um mapeamento com vistas a identificar os principais causadores do mal-estar. Nesse trânsito entre o íntimo e o político, entre o subjetivo e o intersubjetivo, os resultados desta pesquisa delineiam uma cartografia complexa, cujas linhas revelam a precarização das condições de trabalho vivenciadas por professores do ensino superior em diferentes escalas de análise. Tal como denunciam as investigações contemporâneas, os desgastes vivenciados pelos docentes universitários comparecem sobremaneira associados ao hiperprodutivismo acadêmico, despontando como um dos principais intensificadores de adoecimento (Dias, 2015). Cenário marcado por “[...] condições precárias, jornadas intensas, cobranças abusivas sobre o ensino, a pesquisa e a extensão com o discurso da ênfase aos resultados metricamente quantificados” (Dias, 2015, p. 89). Exaustos pelos processos de intensificação e sobreposição de trabalho e pelo hiperprodutivismo, os professores sinalizam contornos de uma saúde fragilizada. Em notas conclusivas, o presente estudo relevou que, através da dialética da ocultação e do desvelamento, os docentes universitários padecem de cansaço físico e mental, excesso de trabalho, desmotivação, incerteza e competitividade, cenário preenchido por ansiedade, desânimo, stress, angústia, solidão e depressão, deixando entrever o caráter patogênico do trabalho (Dejours, 2004). Ao final, o estudo sugere o desenvolvimento de políticas públicas e



ações conjuntas de prevenção e promoção à saúde dos docentes, colocando em suspensão os modelos dominantes de organizar, pensar e materializar a universidade forjada em contextos neoliberais.

**Palavras-Chave:** Condições de Trabalho. Mal-estar Docente. Ensino Superior

### Referências

DEJOURS, Christophe. Sofrimento e prazer no trabalho: a abordagem pela psicopatologia do trabalho. In: LANCMAN, Selma. SZNELMAN, Larte Idal. **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, p. 141-156.

DIAS, Maria José Pereira de Oliveira. **Mal-estar docente na educação superior brasileira**. Dissertação (mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação Goiânia, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204 -219, nov. 2012 p. 206–219, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>. Acesso em: 20 dez. 2024.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. São Paulo: EdUSC, 1999.

FERREIRA, A. **“Nós Somos os Rankings!” Precariedade, Reflexividade e Acção Social na Academia Neoliberalizada**, Coimbra, Almedina, 2023.

SRINIVASA, N. R. *et al.* Definição de dor revisada pela Associação Internacional para o Estudo da Dor: conceitos, desafios e compromissos. **Jornal Dor**, Ano XVIII, ed. 74, p. 11-17, 2º trimestre de 2020. Disponível em: <https://sbed.org.br/wp-content/uploads/2020/09/Jornal-Dor-n-74.pdf>. Acesso em: jul. 2023.